

Provérbios: uma fonte para a História da Educação

Anabela Brito de Freitas Mimoso*

Embora geralmente de origem erudita, os provérbios acabaram por ser consagrados pelo povo que os preservou do esquecimento e os divulgou. Sob a forma de sentença, encerram conhecimentos milenares feitos de experiência e seduzem-nos, ainda hoje, pela agudeza do raciocínio, pela beleza das suas metáforas.

É tempo de a História da Educação se interessar também pelo conhecimento da importância que o povo tem dado ao saber e de perceber como tem entendido ele o processo de ensino/aprendizagem.

O estudo foi levado a cabo recorrendo à análise de conteúdo e, contrariamente ao esperado, chegou-se à conclusão de que os provérbios conferem à educação uma grande importância, expressa não só pelo número de provérbios a ela dedicados (411), mas também pelas apreciações positivas aí contidas.

Palavras-chave

Paremeologia; educação;
provérbios; literatura

* Professora da
Universidade Lusófona
do Porto

Ao estudo da descrição, da classificação, da etimologia e da pragmática dos provérbios dá-se o nome de paremeologia, palavra derivada de parêmia, sinónima de provérbio, tal como se admite que o são: adágio, aforismo, apotegma, ditado, dito, exemplo, máxima, rifão, sentença. Embora haja algumas diferenças, mais ou menos acentuadas, entre todos estes conceitos, elas não têm sido enfatizadas pelos autores que os antologaram nem pelos escritores que nas suas obras a eles recorreram, pelo que se torna particularmente difícil distingui-los entre si, tanto mais que, na maioria dos casos, não há também da parte dos autores qualquer identificação das fontes utilizadas ou das formas importadas. Algumas vezes, não sabemos mesmo se se trata de uma sentença de algum sábio antigo ou do próprio discurso do autor. Esta dificuldade já foi apontada há mais de meio século por Eugénio Ascensio: «Difícil es trazar la frontera entre el adagio grave, entre la sentencia autorizada y los vulgares refranes que dicen las viejas tras el fuego» (1951: XXVI).

Para uma definição de provérbio tem-se ainda de recorrer a uma obra de meados do século passado que tem sido adoptada como a mais consensual. Assim, para Casares, provérbio é

una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegorico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. -, a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas (1969:92).

Um exemplo típico de provérbio seria então: *Castiga o bom melhorará; castiga o mau piorará.*

No entanto, no *corpus* aqui inventariado são visíveis algumas diferenças quanto à origem, elaboração, extensão e estrutura das frases. Neste trabalho, recorre-se, pois, a uma concepção mais lata de provérbio que abrange a sentença ou máxima, de origem erudita, e o rifão, de origem popular.

Estas dificuldades de classificação prendem-se, em última análise, com a antiguidade dos provérbios. De facto, eles remontam às civilizações mais antigas, como a Suméria, o Egipto e a China. Na Suméria, foram achadas 700 placas e fragmentos de provérbios que atestam a sua importância e o seu aproveitamento literário. Não se pode esquecer também o largo uso que a Bíblia deles faz. Na Grécia, Aristóteles, Demócrito e Sófocles a eles recorreram bastas vezes e em Roma foram Catão, Cícero e Séneca os seus principais cultores. O Cristianismo medieval muito contribuiu para a sua preservação, se bem que Matoso (1987) pense que o seu uso tenha sido restrito ao clero, uma vez que apenas encontrou 250 provérbios em textos medievais. O maior contributo dado nesta altura à divulgação dos provérbios foi o do acrescentamento da rima pelas línguas vernáculas.

Mas é sobretudo em relação à literatura quincentista e seiscentista que os provérbios têm uma grande dívida, não só porque foi nesta altura que das primeiras recolhas em vernáculo fizeram o seu aparecimento, mas porque data

também de então a sua popularização pelo uso recorrente em textos, conforme se verá adiante. Em Portugal as recolhas são um pouco mais tardias. Deve-se a Frei Aleixo de Santo António o primeiro trabalho nesta área (*Filosofia Moral tirada de alguns provérbios ou adágios*) que só seria publicado em 1640, embora tivesse sido redigido anteriormente. Os *Adágios Portugueses reduzidos a lugares comuns* de António Delicado datam apenas de 1651. A *Feira de Anexins* de D. Francisco Manuel de Melo, produzida por volta desta mesma data, ficaria manuscrita até 1875.

Mais tarde os Romantismos, valorizando a cultura tradicional, haveriam também de pugnar pela sua popularização e divulgação.

Os provérbios continuam a seduzir o leitor actual, sobretudo pelo que encerram de esforço de percepção, reflexão e expressão verbal. A sua beleza é-lhe conferida pelo uso metafórico da linguagem, pelas aliterações, pelo virtuosismo da língua, pela elegância do estilo, pela agudeza do raciocínio. Mas o humor, os jogos de ideias, o duplo sentido que ostentam são também uma forma de divertimento. Dado que reflectem experiências de vida, que abordam aspectos fundamentais da vida, que veiculam a opinião geral (senso comum) e que aconselham, criticam, proibem, admoestam são também uma óptima fonte de conhecimento dos valores éticos, estéticos, sociais de um povo. Bem se pode dizer, tal como a sentença, que: *As máximas são como os algarismos que compreendem grandes valores em poucas letras.*

Mas o seu uso não se limita ao oral, ao quotidiano, onde serve para o esvaziar de sentido, para reforçar ideias, para mostrar erudição, para contradizer ou para divertimento. Os textos literários também a eles recorrem para criticar costumes (através da sátira ou ironia), para exemplificar acções, para reforçar ideias, para dar autoridade às ideias do autor, para mostrar erudição e mesmo para ensinar a língua e os valores. Além da *auctoritas* que “os antigos” lhe conferiam, a utilização dos provérbios revela, também, a agudeza, o sentido lúdico, tão caros aos escritores de Seiscentos.

Mas as suas potencialidades não ficam por aqui. De facto, a literatura faz um uso bastante diferenciado deles: ora os usa para veicular uma moral pela positiva, conferindo-lhes o valor de exemplaridade, ora visa transmitir a moral pela negativa, criticando através da sátira e da ironia, mostrando o que se não deve fazer.

É assim que se encontra, por exemplo, nos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575) de Gonçalo Fernandes Trancoso uma interpretação unilateral dada pelo autor, e que é reforçada pelo recurso a pequenos *exempla*, a contos ou a histórias que os ilustram, explicam, corroboram devidamente, mas também a outros provérbios que reforçam ainda o sentido veiculado. Sendo o principal destinatário daquela obra o “povo” a quem Trancoso visava inculcar determinados comportamentos que tinham em conta «a fé e os bons costumes», a inclusão de provérbios tinha de ser feita criteriosamente: todos eles deveriam prescrever bons ensinamentos e serem suficientemente impressivos para levarem à sua apropriação.

Na tentativa de apresentar modelos de bons cristãos e, sobretudo de boas

cristãs, muitos dos provérbios usados nos *Contos* dirigem-se às mulheres e têm, maioritariamente, origem nos *Provérbios* de Salomão: *A moça virtuosa, Deus a esposa. A mulher honrada sempre deve ser calada. A boa mulher é jóia que não tem preço.* Cada um destes provérbios pertence a um conto ou história diferentes que desdobram o seu sentido, funcionando como uma sua *amplificatio*.

A obra funciona como uma verdadeira gramática do comportamento do bom cristão, sobretudo da boa cristã. Por isso, tem de ser o mais clara possível. Para que não reste qualquer dúvida em relação à sua interpretação, o seu sentido é, pois, devidamente explicado. Logo, não se procura que o leitor tire uma conclusão, interprete, mas que o leia com um sentido apenas: o que o autor pretende. Desta maneira, manipula-se, não a expressão, mas o seu significado.

Em suma, são cerca de uma trintena de provérbios que, obviamente não foram escolhidos inocentemente, pois todos eles prescrevem normas de conduta e disciplina conformes às orientações religiosas, constituindo-se como um excelente meio pedagógico que proporciona aos interessados o discurso da sabedoria, alcançada através da “revelação” das verdades (humanas e bíblicas) e através da aprendizagem dentro dos padrões éticos e morais vigentes na época.

A necessidade de explicação obviamente que tem a ver com o facto de o significado de um provérbio nem sempre ser imediatamente percebido devido à ambiguidade, ao duplo sentido de alguns deles.

Mais difícil e se torna percebê-los quando a sua redacção é manipulada. Como faz Gil Vicente que é exímio nesse manuseio. Assim, por exemplo, na *Comédia do Viúvo* encontra-se a forma «Nosotras, si nos callamos,/consentimos» – apropriação de *Quem cala, consente*. Também D. Francisco Manuel de Melo nos *Apólogos Dialogais* tira partido desta mesma possibilidade: «E estou mal com nossos antigos, porque, assi como deixaram dito que de *Castela, nem vento, nem casamento*, também puderam dizer “nem costumes, nem ciúmes”» (1998:71) ou conforme se poderá verificar, também, nesta fala do Relógio da Cidade: «Mas porque lá diz o provérbio que a nós outros os relógios *todos nos crem e nenhum nos adora.*» (1998: 8).

Mas se a manipulação, a abreviatura (quer por citação parcial, quer pela simples alusão) não facilita a apropriação do sentido visado, na realidade torna-se mais interessante, pois possibilita a participação activa do leitor/espectador. Assim, Gil Vicente no *Auto da Índia* recorre à forma «Quem porcos há menos» (1984: 345), cuja versão completa é: *Quem porcos acha menos/em cada moita lhe roncam*. A alusão é feita pela Moça, referindo-se ao incómodo sofrido pela Ama pelo adiamento da partida do marido desta para a Índia. Na *Farsa da Lusitânia* este mesmo provérbio volta a aparecer, desta feita de forma completa, precisamente na fala de Lusitânia (1984: 564) numa menção aos perigos dos ciúmes. Poderemos citar outro exemplo: «Que tendes?... um pé dormente?» é a alusão a *Vilão farto, pé dormente*, ambas as formas presentes em *Quem tem farelos?* (1984: 336 e 333). Se se recordar de que os “moços de esporas” desta farsa se queixam da fome que passam em casa dos seus amos - «morremos ambos de fome e de lazeira todo o ano» -, facilmente se perceberá o humor do texto.

Claro que esta manipulação pressupõe o conhecimento prévio por parte do leitor (ou espectador) para facilmente o poder reconhecer, mesmo que truncado ou manipulado, visando, pelo paradoxo, pela contradição, pela irreverência provocar o riso.

Mas mais que obedecer ao gosto de um autor, a utilização de provérbios tem a ver com o género ou subgénero do texto e com as personagens que a eles recorrem. Isto é particularmente notório nas *Novelas Exemplares* de Gaspar Pires de Rebelo. Numa dessas seis novelas breves, o “Desgraciado Amante”, em que se contrapõe a vida transviada do seu protagonista à visão idealizada da vida dos nobres, heróis das restantes cinco novelas, recorre-se profusamente ao uso de provérbios para provocar o riso.

Trata-se de uma novela de tipo (ou ao gosto) picaresco, maioritariamente, narrada pelo seu protagonista - castelhano como qualquer pícaro que se preze. A sua origem, humilde e duvidosa, a sua experiência de vida, os árduos caminhos que trilhou ressaltam de uma prosa que recorre a uma linguagem metafórica, rica em *exempla*, aforismos e expressões populares, muitas vezes em castelhano. Em 112 páginas encontram-se mais de 50 provérbios, pelo que se pode considerar uma boa amostra. Dado que nas restantes novelas pouco uso se faz deste património, a não ser esporadicamente na fala de uma ou outra personagem, facilmente se percebe de que o seu uso é propositado destinado a conferir verosimilhança a essa figura popular.

Peralvilho, o herói (ou anti-herói?) não deixa de surpreender o seu interlocutor (e os leitores actuais à distância de mais de três séculos) com o inesperado das suas conclusões e normas de vida. Mas é sobretudo pela visão “realista” e optimista da vida, própria de quem aprendeu a tirar das experiências negativas o melhor partido, que este texto é “exemplar”: *Ama a quien te no ama y responde a quien no te llama y andarás carrera vana. Com qual te achares tal te afazes. Do fueres, harás como vires. Às vezes uma boa retirada se te conta por valentia. Ladre-me el perro y no me muerda. A fome come e não dentes agudos. Nem por muito madrugar amanhece mais depressa ...* É que, apesar destes provérbios pré-existirem, a sua selecção mostra uma forma pragmática de encarar a vida, às vezes, afastada da moral comumente aceite, cuja interpretação profunda, hoje pode escapar, precisamente porque se visava provocar admiração, através da agudeza. Mas a opacidade do sentido é, ou pode ser, também propositada, pois cada adágio apresentaria uma multiplicidade de sentidos que visava suscitar, também, a cumplicidade e o riso.

Para além de Gil Vicente e D. Francisco M. Melo, também Ribeiro Chiado, Jorge Ferreira de Vasconcelos e Gaspar Pires de Rebelo recorreram a estas possibilidades que os provérbios autorizam.

Se bem que a literatura actual não façam um uso tão abundante de adágios, isso não significa que as suas potencialidades e, sobretudo o seu valor estejam em causa. Eles continuam ainda hoje a surpreender, mesmo que sejam só utilizados para pesquisar neles um sentido global em relação a um problema concreto. Como neste trabalho.

Visa-se aqui inventariar os provérbios portugueses sobre educação; conhecer os problemas educativos que eles focam; verificar a importância conferida tradicionalmente à educação e aos educadores e aos detentores do saber, em geral; conhecer a utilidade conferida ao conhecimento; perceber que tipo de saber é mais valorizado e, finalmente, conhecer as formas propostas para obtenção dos conhecimentos.

Para tal, delinearão-se algumas perguntas destinadas a nortear o trabalho: Qual a importância conferida pelos provérbios à educação? Qual a importância conferida aos educadores? Que tipos de saberes são mais valorizados pelos provérbios? Que métodos de ensino são veiculados por eles?

Será legítimo esperar que os provérbios evidenciem uma certa desconfiança face à educação e à cultura, uma vez que foi o “povo” que os perpetuou. Assim, tendo como base o senso comum, os números de assustadores de iliteracia no nosso país, os baixos índices de leitura... aceitaram-se como hipóteses que nos provérbios é dada uma importância muito relativa à educação; de que os detentores do saber não são valorizados; de que dos saberes, é, naturalmente, ao saber fazer que é conferida maior importância e de que a experiência é muito mais valorizada que o saber livresco.

Recorre-se à análise de conteúdo pela flexibilidade que este conjunto de técnicas oferece, quer com função heurística, quer a de «administração de provas» (Bardin, 2007: 25).

Assim, numa análise superficial, os provérbios sobre educação aqui inventariados são constituídos por frases curtas, num mínimo de três palavras e no máximo de trinta (um único provérbio), se bem que poucos deles sejam extensos. A média situar-se-á entre as oito e as nove palavras. Se se lhe acrescentar a existência da rima em muitos deles, percebe-se que estes elementos têm a função de facilitar a memorização.

Internamente, são constituídos por frases maioritariamente enunciadas como sentenças, no infinitivo (*Aprender até morrer.*), o que lhes confere um valor universal; por frases no indicativo: (*A experiência corrige.*), indicando viabilidade da acção e, mais raramente, os verbos estão no imperativo (*Aprende a educação com quem a não tem.*), apresentando-se sob a forma de conselho.

Recorre-se ainda ao uso metafórico da linguagem (*A boa mão do rocim faz cavalo; e a má, do cavalo faz rocim.*); à ambiguidade de sentido (*Os sábios dizem livros, os salsicheiros porcos.*); ao humor (*O gramático sabe corrigir uma frase, mas não sabe corrigir sua roupa.*) e aos jogos de palavras (*O louco tem o coração na língua; o sábio, a língua no coração.*).

Para a recolha deste *corpus*, utilizou-se como base de trabalho o *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios* de J. Hespanha, uma vez que este se encontra ordenado por temas ou rubricas. Por ele se procedeu à inventariação de temas que estivessem relacionados com o assunto em estudo. Os temas que se mostraram compatíveis foram: Castigar, Conselhos, Errar, Exemplo, Experiência, Falar, Filhos,

Hábitos, Ignorância, Instrução, Pedagogia, Razão, Sandice e Sisudez, Velhice, Vícios e Virtude.

Seguidamente procedeu-se à inventariação dos provérbios contidos nessas rubricas, o que perfez um total de 265. Em outras antologias procedeu-se sistematicamente à busca de mais provérbios que dissessem respeito à educação. Obteve-se um novo total, desta feita de 411 (sem contar com variantes muito próximas). Teve-se então de proceder à reorganização dos provérbios segundo outros temas, dado que havia provérbios que se não podiam incluir em nenhum dos anteriores temas. Os provérbios ficaram então distribuídos conforme a figura 1:

| | | |
|--|------------|--------------|
| Aprender | 16 | 3,8% |
| Boa educação | 7 | 1,7% |
| Castigo | 23 | 5,5% |
| Discriminação de género | 1 | 0,2% |
| Discípulo/estudante/mancebo/filho/menino/pequenino | 8 | 1,9% |
| Ensinar/doutrinar | 10 | 2,4% |
| Escrever | 2 | 0,4% |
| Estudo | 10 | 2,4% |
| Experiência | 31 | 7,5% |
| Exemplo | 10 | 2,4% |
| Eloquência | 46 | 11,1% |
| Idade de aprender | 12 | 2,9% |
| Ignorância | 27 | 6,5% |
| Livros/leitura | 20 | 4,8% |
| Mestre/educador | 12 | 2,9% |
| Motivação (necessidade) | 4 | 0,9% |
| Néscio/ignorante/asno/burro | 46 | 11,1% |
| Sábio/letrado/sabedor/entendedor/entendido/doutor/avisado | 28 | 6,8% |
| Saber calar | 41 | 9,9% |
| Saber/ciência/doutrina/preceitos | 56 | 13,6% |
| Saber fazer | 1 | 0,2% |
| TOTAL | 411 | 100% |

Fig. 1. Distribuição dos provérbios pelos temas

Novamente se teve de proceder à redefinição dos temas, no sentido de uma restrição, dado que alguns deles apresentavam eixos temáticos afins:

| | | |
|--|------------|-------------|
| Aprendizagem/discípulos | 24 | 5,8% |
| Castigo | 23 | 5,5% |
| Discriminação de género | 1 | 0,2% |
| Exemplo | 10 | 2,4% |
| Experiência | 31 | 7,5% |
| Idade de aprendizagem | 12 | 2,9% |
| Ignorância/ignorantes | 73 | 17,7% |
| Livros/ler/escrever/estudo | 32 | 7,7% |
| Mestre/sábio/ ensino | 50 | 12,1% |
| Motivação (necessidade) | 4 | 0,9% |
| Saber/ciência | 56 | 13,6% |
| Saber estar (boa educação/ saber calar/ falar) | 94 | 22,8% |
| Saber fazer | 1 | 0,2% |
| TOTAL | 411 | 100% |

Fig. 2: Reorganização dos temas

Não é surpreendente verificar que o ensino está mais centrado no mestre do que no aluno. Surpreendente é o facto de que o saber mais valorizado seja o saber estar, sobretudo falar bem e saber calar, mas também a “boa educação” (94 ocorrências), em detrimento do saber fazer (apenas com uma ocorrência).

No acto de aprender, não há dúvida de que se dá grande valor à experiência (trinta e um provérbios), mas o exemplo (dez) e, sobretudo, o estudo e a leitura/escrita (trinta e dois) são notoriamente realçados.

Surpreendente é também a valorização que o saber e a ciência têm (cinquenta e seis ocorrências), bem como os mestres e os sábios (cinquenta), em detrimento dos ignorantes e da ignorância que, em setenta e três ocorrências são sempre ridicularizados ou acusados da sua falta de vontade para aprender, pelo que se se juntar ambos os valores (179), obtém-se a surpreendente percentagem de 43,5% favorável ao saber. Talvez se possa sintetizar no provérbio *O conselho dos sábios é a providência dos povos* o valor dado a quem sabe.

Mas não é só pelos números que se deve avaliar a importância de um tema. É que, havendo apenas quatro provérbios específicos sobre a motivação para a aprendizagem (pragmaticamente é apresentada a necessidade como motivação), esse facto é relevante, pois, não só permite perceber a sua importância (*A necessidade é*

professora de línguas. A necessidade é mãe do engenho. A necessidade é mestra da vida. A necessidade faz os homens espertos), mas também autoriza a afirmar que o “povo” sabe mais sobre educação do que à primeira vista poderá parecer.

Estes conhecimentos de psico-pedagogia são também visíveis nos provérbios que falam da idade ideal para aprender. Se por um lado se postula a ideia de aprendizagem ao longo da vida - *Aprender até morrer* -, por outro reconhece-se que a idade ideal para a aprendizagem é a infância, pois: *Quanto na mocidade se aprende, toda a vida dura*, mas, *Burro velho não toma andadura e se a toma pouco dura*.

Por outro lado, é verdade que o castigo (presente em vinte e três provérbios) é considerado a melhor forma de aprender, mas pretende-se que ele seja justo: *Não seja o castigo maior do que foi a culpa*, e é mesmo posto em dúvida num dos provérbios: *Castiga o bom melhorará; castiga o mau piorará*.

Finalmente, tem de se considerar que o facto de só haver um provérbio que faz a discriminação negativa da mulher não significa que não seja proposta uma visão sexista da educação, pois o aprendiz, o discípulo, o aluno, o mestre, o sábio vêm sempre na forma masculina. Mas também não significa que o masculino utilizado não se refira aos dois géneros. O provérbio: *Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz “him”*, já citado (não exactamente da mesma maneira) por D. Francisco Manuel de Melo na *Carta de Guia de Casados*, por não ter outros que o corroborem, não permite apontar qualquer discriminação de género.

Apesar desta dúvida final, são surpreendentes estes saberes que o “povo” tem sobre a educação, na medida em que, muito embora fruto de elaboração de épocas remotas, as considerações que ele faz sobre a educação não se limitam ao senso comum, vão mais além e são ainda hoje pertinentes e actuais.

E porque este trabalho já vai longo, o melhor é dá-lo por findo, pois lá diz o ditado que: *Falar muito e bem é talento de quem sabe; pouco e bem, é de carácter ajuizado; muito e mal, é vício do enfatuado; pouco e mal é condão do tolo*.

Referências bibliográficas

- Ascensio, E. (1951). *Comédia Eufrosina*. “Introdução”, Madrid, Bibl. Hispano-Lusitana.
- Bardin, L. (2007). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Ed. 70.
- Carline, L.(Org.). (1956). *Calepino de Scaramouche*. S. Paulo. Brasil.
- Chaves, P. (s.d.). *Rifoneiro Português*. Porto: Domingos Barreira.
- Hespanha, J. (1936). *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*. Famalicão: Minerva.
- Machado, J. P. (1996). *Grande Livro dos Provérbios*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Matoso, J. (1987). *O essencial sobre os Provérbios Medievais Portugueses*. Lisboa: IN-CM.
- Melo, F.M. (1998). *Apólogos Dialogais* (ed. de Pedro Serra). Coimbra: Angelus Novus. vol. I.
- Mimoso, A. (1995). “*Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*” de *Gonçalo Fernandes Trancoso*. Porto. FLUP (dissertação de Mestrado em Hist. da Cultura).
- Mimoso, A. (2004). Para o Estudo da Paremiologia Portuguesa – sécs. XVI e XVII. *Revista de Portugal*, nº 1.
- Mimoso, A. (2005). *A Novela Breve Portuguesa do Século XVII*. Porto. FLUP (tese de Doutoramento em Hist. da Cultura).

- Mimoso, A. (2006). *A Gastronomia através dos provérbios*. Trabalho apresentado ao IV Congresso da Federação Nacional de Confrarias Gastronómicas de Portugal. S. João da Pesqueira.
- Mimoso, A. (2007). Origem e Importância dos Provérbios. *Revista de Portugal*, nº 4.
- Odber, P. (2003). Translating Gil Vicente, Proverbs and Refrains. *Em Louvor da Linguagem – Homenagem a Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Vicente, G. (1984). *Compilação de todas las obras*. Lisboa: IN-CM.